



# BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - Nº 2

FEVEREIRO

1960

**SUL FABRIL S/A**

**MALHARIA E CONFECÇÕES**

**Produtos de Maior Preferência no Gênero**

**“CAMISAS SUL FABRIL”**

A MARCA QUE CONQUISTOU RENOME

**FÁBRICA E ESCRITÓRIO :**

RUA ITAJAÍ, 948

CAIXA POSTAL, 243

TELEFONE, 1125

TELEGRAMAS : “SULFABRIL”

**BLUMENAU — Santa Catarina**

# BLUMENAU em CADERNOS

Tomo III

FEVEREIRO DE 1960

N.º 2

## O Clube Blumeanuense de Caça e Tiro

Frederico KILIAN

O Clube Blumenauense de Caça e Tiro, contará no dia 11 de Fevereiro corrente, com 66 anos de existência. Reuniu-se, a 11 de Fevereiro de 1894, um pequeno grupo de homens blumenauenses, para fundarem uma sociedade recreativa, à qual deram o nome de Verein "Gemüthlichkeit" ("Cordialidade"), elegendo nesse dia a sua primeira diretoria que ficou assim constituída:

Presidente: Karl Gieseler; Vice-Presidente: Josef Garn; Secretário: Theodor Rödel e Tesoureiro: Otto Ramthun.

Numa das próximas reuniões, em Abril de 1894, ficou deliberado realizar-se o primeiro baile social no salão Holetz. Para custear as despesas do baile, a diretoria propôs que cada sócio contribuisse com a importância de um milréis (Cr\$ 1,00 moeda atual). Foi eleita uma comissão de baile, recaindo a escolha nos Srs. Heinrich Schmidt, Hermann Metzner e Otto Gieseler. Deliberou-se ainda que cada sócio deveria buscar seu distintivo social o mais tardar até dia 15 de abril no salão Holetz. Na reunião de Maio já se cogitou da confecção de uma bandeira para a Sociedade e em Junho foi votada a verba de Cr\$ 25,00 para mesma. Nesta reunião, também discutiu-se sobre a realização de outro baile, mas parece que o anterior dera algum prejuízo à Sociedade, pois a ata menciona que um baile só daria dificuldades e cogitou-se então de organizar-se primeiramente uma pequena dança com orquestra reduzida, pagando cada sócio a importância de quinhentos réis, ou sejam Cr\$ 0,50 (cinquenta centavos), ficando o baile para mais tarde, por ocasião da inauguração da nova bandeira, quando também se iria organizar uma marcha e baile social, com a contribuição de Cr\$ 0,50 por sócio e eleito para a mesma uma comissão composta dos srs. Wilhelm Holetz, Hermann Dittrich e Emil Gieseler. Em Agosto foi deliberado realizar-se o próximo baile no dia 9 de Setembro e a 2 de Setembro houve outra reunião, para tratar dos pormenores desta festa, tendo sido eleitos para a Comissão da festa os Srs. Wilhelm Holetz, Heinrich Sutter, Otto Gieseler, Arthur Grahl e Gustav Jungthun. Para porta-estandartes foram eleitos os Srs. Gustav Hackländer, Goswin Bader, Rudolf Pollnow e Richard Probst. Foi também programado uma marcha festiva, caso o tempo o permitir e fixada a contribuição de Cr\$ 1,00 para cada sócio. Em Outubro foi proposta a criação de uma secção de canto, porém esta proposta não foi aceita, por falta de participantes à mesma. Em Novembro foi deliberado realizar a próxima festa no dia 10 de Fevereiro de 1895, e designados os Srs. Heinrich Sutter, Emil Gieseler e Josef Garn, para solicitar ao Presidente da Câmara Municipal, permissão para realizar a festa no Morro do Aipim. Em Dezembro foi mudada a data da festa para o dia 3 de Fevereiro e programada uma marcha ao Morro do Aipim, nesse dia, às 3 horas da tarde, caso o tempo o permitir.

E desta forma esta Sociedade, durante o primeiro ano de sua existência, procurou proporcionar aos seus sócios os mais variados divertimentos na mais ampla CORDIALIDADE.

# HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DA PENHA

Hitoshi NOMURA (\*)

Em São João Batista de Itapocorói, antigo curato, situado nas proximidades das praias de Piçarras e Itapocorói, teve início o povoamento e a colonização do atual Município da Penha, no Estado de Santa Catarina.

Suas origens remontam os princípios do século XVIII; o arraial foi elevado a curato no dia 30 de julho de 1815; à categoria de freguesia em 23 de março de 1839 e, pela lei n.º 438, de 21 de junho de 1958, o distrito da Penha de Itapocorói tornou-se o município da Penha.

O conhecido biógrafo de Fritz Müller, sr. José Ferreira da Silva, vem de publicar uma "História do Município da Penha" (29 páginas, edição de "A Imprensa", de Curitiba, Paraná), escudado em documentos e livros da época.

Com riqueza de pormenores fala-nos êle sôbre a história de um dos mais novos municípios do Estado de Santa Catarina. Suas praias, a vida e costumes dos indígenas da região, as desavenças entre brancos e autóctones, são descritos com base nesses documentos.

De início o crescimento do povoado foi muito lento. Mas, com a instalação de uma "Armação" de baleia (estabelecimento destinado à pesca dêsse cetáceo e seu aproveitamento: extração de óleo e barbata-nas) na enseada de Itapocorói, o desenvolvimento econômico e demográfico se acelerou. O local atraiu grande contingente de elementos que desejavam enriquecer rapidamente.

Pouco a pouco o número de baleias arpoadas ia diminuindo graças ao desleixo da administração da "Armação", que vinha causando prejuízos ao erário público. É por isso que se lê, num officio que o presidente da província enviou ao ministro do império, em 1828, o seguinte: "As armações da pesca da baleia fazem grande despesa inútilmente e é para desejar que seja desonerada a Fazenda Real dêste pêso".

O autor transcreve as observações interessantes que fêz o botânico Augustin François César Provençal de Saint-Hilaire sôbre a vida do lugarejo no longínquo 1820.

Muitas personalidades de figuras importantes são retratadas, bem como suas realizações. Alusão às tradições é feita, e o autor chama a atenção das autoridades para que o folclore — o mais rico de Santa Catarina — não venha a perder suas características primitivas.

Dezessete notas elucidativas encontram-se em apenso ao trabalho.

Pelas observações de grande valia encerradas no opúsculo ora sob apreciação, não deve êle faltar na estante do estudioso da História Pátria, e particularmente do Estado de Santa Catarina.

---

(\*) Estatístico Marinho, Serviço de Biologia da Pesca, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

# Carrocinha do leite

POEMA DE SAUDADE



Blim, blim, blim...

Mal as pontas dos morros, que circundam o meu vale natal, começam a desenhar seus extravagantes contornos na tela côr-de-rosa dos primeiros albores das madrugadas blumenauenses, lá vem a carrocinha do leite guizalhando pela estrada estreita e poeirenta.

Seus cavalinhos zainos trotam, alegres, ao compasso do bater dos latões de leite, entre bardas de lírios do brejo, sempre floridos, e cujo perfume, forte e penetrante, impregna tôda a região, misturado, no outono, ao cheiro de mel dos jacatirões, que cobrem de roxo as barrancas de um riacho insignificante.

Nesse tempo, também há roxo na capelinha branca que se vê lá longe! O roxo quaresmal das telas de seda que cobrem a imagem de Nossa Senhora, na tristeza prenunciadora da tragédia prestes a ser comemorada.

Lá para a carrocinha ao pé de uma cancela. Pula da boléia o rapaz leuro. Apanha o latão de leite que a mulher do colono puzera à beira da estrada, muito antes de ir fazer o café para o marido e a filharada.

Torna a carrocinha a pôr-se em movimento, ao resfolegar dos zainos bem nutridos, batendo as ferraduras contra o macadame do caminho, para parar em outra porteira, colher outro latão de leite, que outra colona colocara à beira da estrada, muito antes que a barra do dia clareasse o fundo dos morros do meu vale natal.

Carrocinha do leite! Quando escuto o som dos guizos ao trote dos teus zainos, como a alma se me repassa de saudades!

Parece que é o próprio fantasma do passado que vem de longe, parando de porteira em porteira, juntando lata por lata, estonteado pelo cheiro agreste dos lírios do brejo, a sacudir as rédeas dos cavalinhos mansos, estugando-lhes o trote cadenciado, a estalar chicotadas no ar enfarinhado de neblina das frescas manhãs da minha terra.

É o passado que volta, sim, tendo-me na boléia da carrocinha do leite...

E lá eu vou, assobiando uma velha canção alemã, pensando na namorada que ficou para trás, encostada à porteira do sítio, os olhos azuis presos à carrocinha que desaparece na curva do caminho, e a abanar-me de longe, a voz querida e meiga a chegar-me aos ouvidos, de mistura com a alvorada triste de um sabiá madrugador:

Guten Morgen, Fritz! Guten Morgen!

E os olhos inundam-se-me de lágrimas...

Blim, blim, blim...

# Flagrantes da História do Rio do Sul

Por Victor LUCAS

Continuando hoje as minhas apreciações pessoais sôbre os primórdios da história de Rio do Sul, generosamente publicadas nesta revista, em combinação com as entrevistas feitas com velhos pioneiros e descendentes dêstes últimos, volto a ocupar hoje, novamente, as preciosas folhas de "Blumenau em Cadernos" para levantar mais um pouco o véu que cobre acontecimentos históricos, que culminaram na criação de um dos mais pujantes núcleos de colonização do Sul do Brasil, quiçá do país. Não foi por acaso que as ondas de imigrantes acharam a "porta" do Vale do Itajaí aberta; bem ao contrário, deve-se o surto de progresso e desenvolvimento desta privilegiada região nacional à propaganda metódica e bem orientada do governo imperial. Este govêrno, muito cedo reconheceu que, uma vez conseguida a libertação de Portugal, que pouco ou nada fazia melhorar a nossa situação de dependência plena, não podia ficar inerte ou impassível diante do perigo que representava, e talvez ainda hoje represente, como provam os últimos acontecimentos que abalaram o mundo, o abandono das riquezas nacionais frente à cobiça dos govêrnos imperialistas, que flutuavam em pleno regimen colonialista, e que com a sua falta de pudor, unida à sua secular agressividade, punham em perigo todos aqueles povos que não estavam amadurecidos para a auto-suficiência política e econômica, e para liberdade, em última análise. Não possuo autoridade nenhuma, como estudioso iletrado, repito, para apresentar conclusões definitivas, mas cumpro apenas um dever, em certo sentido até patriótico, se me permitem ser imodesto, isto é, o dever de não deixar cair em olvido aquilo que um dia possa servir àquele que melhor que eu, se apreste para escrever a história completa do Vale do Itajaí e na qual a nossa cidade, hoje ainda modesta, mas progressista, e esta região, centro geográfico do Grande Vale do Itajaí, ocupa um lugar de indiscutível destaque, não só econômico, como até político, tendo fornecido, no último pleito eleitoral, 3 deputados eleitos e 1 suplente, já convocado. Congratulo-me com a direção de "Blumenau em Cadernos" pela maneira como vem encarando os assuntos ligados ao nosso desenvolvimento político e econômico, sob o ponto de vista histórico, formando um todo inseparável. Creio, se mais não foi publicado ainda em relação aos colonizadores que se infiltraram, quais pontas de lança, Mato a dentro, em busca de uma gleba de terra para garantia de si e de seus descendentes, é porque, infelizmente, muitos ainda não atinaram ou compreenderam, ou por não terem sido atingidos pelo movimento, em boa hora encetado por êstes "Cadernos", que indubitavelmente fechará uma lacuna, deixada aberta por longos anos, com grandes prejuizos, por certo, para os estudiosos da história do Grande Vale do Itajaí, mas felizmente sanada com o aparecimento desta tão bem orientada revista. Daqui mesmo, lanço o meu apêlo, no sentido de que todos aqueles bons riosulenses, que estejam em condições de fornecer dados interessantes, sob o ponto de vista histórico, os forneçam diretamente a "Blumenau em Cadernos", ou então, para maior facilidade, ao autor destas modestas e deslustradas publicações, a fim de que as encaminhe, devidamente comentadas, à fonte de publicação, em Curitiba. Feito assim êste prefácio, procuro, hoje, seguir nos meus comentários, partindo do último artigo, aqui publicado, para chegar, gradativamente, até um ponto de onde, com mais falcidade, nos seja possível seguir o desenvolvimento desta região, tendo então já por base os registros feitos em atas oficiais, ou publicações ao alcance dos interessados.

Terminei o último artigo com a fixação da data da chegada do primeiro morador em Rio do Sul, assim considerado o atual perimetro urbano de nossa cidade, com as atuais delimitações. Falei também, e quase que em primeiro lugar, de Carlos Schroeder (não confundir com o titular da tradicional firma Carlos Schroeder S. A., de Indayal) como sendo aquêle que tentára, sem, no entanto, consegui-lo, fixar-se em pleno perimetro urbano de Rio do Sul, na atual praça Nereu Ramos, tendo, como visinho único, do outro lado do rio, Basilio Corrêa de Negredo. Serviu Carlos Schroeder a balsa, por êle construída, por quase dois anos, colocada exatamente no lugar onde hoje temos a majestosa ponte "Curt Hering", para atender aos que se abalançaram a viajar para Curitiba ou Campos Novos, via Pouso Redondo, ou os que de lá desciam a Serra Geral com as suas tropas de mulas, em busca de mantimentos, dando, assim, durante quase

30 anos, uma nota pitoresca a esta região. Era a mula o único meio de locomoção e substituía, com vantagem, qualquer outro meio de transporte. Tendo sido o meu pai o único funileiro, por longos anos, nesta região, eu, como criança, espiava-lhes, aos tropeiros, a fala, o geito e o modo de agir e devo confessar, ainda hoje tiro grande proveito deste contato permanente com esta gente simples e boa, que espelhava a alma do nosso sertanejo. É de notar que, de início, a passagem do rio do Sul, ou braço do Sul, como o chamavam, era feita pelo raso da Xarqueada, o que, por vèzes, atrapalhava muito os ocasionais viajantes, pois, em épocas de cheia, o que acontecia geralmente pelos meses do inverno, como acontece hoje ainda, o raso não dava passagem por longas semanas, ou debaixo de sérios perigos, tendo assim inspirado às autoridades de então, a construção de uma balsa, uns 500 metros mais abaixo do raso da Xarqueada, a fim de atender melhor ao movimento, que aos poucos se estabelecia, na estrada recém-aberta



Eis o que era, em 1925, a atual praça Nereu Ramos em Rio do Sul. Ponto de concentração das tropas que desciam do planalto, destinadas aos marchantes de Blumenau e Joinville e que ali atravessavam o rio a nado, enquanto os condutores e suas montarias se serviam da balsa primitiva ali existente e que, anos depois, foi substituída por soberba ponte de cimento armado.

e que ligava Blumenau a Curitiba, via Pouso Redondo. Esta balsa teve a sua construção acelerada, em virtude de um acidente na passagem do Raso da Xarqueada, onde perdera a vida uma abastada figura, por afogamento, de nome Rauen, fazendeiro, e que foi enterrado na língua de terra formada pela união dos rios do Sul e Oeste, exatamente no lugar onde hoje temos a indústria Madeireira Rio do Sul S.A., chão provisoriamente escolhido para cemitério e, onde, também, foi sepultada a mulher de Carlos Rennert, anos após, morta num ataque dos selvícolas, em pleno perímetro urbano de nossa cidade. Como é facilmente de imaginar, a balsa era o que de mais primitivo se podia construir, com os poucos meios disponíveis nesta região sertaneja, mas serviu ao fim por muitos anos. Como já afirmara em linhas anteriores, a balsa, de início, foi servida pelo próprio Carlos Schroeder que, porém, foi coagido a abandonar novamente este lugar em virtude de um forte ataque dos selvícolas. Conta-se que os bugres ficaram de um lado do rio, atirando flechas em direção de Carlos Schroeder e este último, num revide decidido, abriu fogo com o seu velho "pica-pau" contra os seus inimigos, mas no outro dia, vendo a sua choça, ou cabana, invadida pelos selvagens, resolveu voltar, abandonando definitivamente Rio do Sul; isto deve ter-se dado aí pelo fim do século. Assumiu então a balsa Basílio Correa de Negredo que, erroneamente, é tido como o primeiro balseiro de Rio do Sul. Existe assim uma curiosa coincidência nos fatos quase que corriqueiros na boca do po-

vo. Basílio Correa de Negredo é tido como primeiro balseiro de Rio do Sul, sendo em verdade o primeiro morador, bem assim a casa de José Vicente (Leite) é tida como a primeira casa de Rio do Sul, quando em verdade não era, pois, esta, pertencia a Basílio. Sobre este último, resta contar ainda que viera para estas paragens, acompanhado de seu genro e o filho mais velho José. O velho Basílio, morava junto com o genro, de nome Fermino Agápio, e seu filho, numa palhoça construída em terras de propriedade de Rodolfo Odebrecht, na altura da atual firma Curt Schroeder S.A., de onde se mudara, posteriormente, para o outro lado do rio, em Canoas. Somente 5 anos mais tarde, veio trazer a Rio do Sul sua mulher de nome Joaquina Maria de Jesus, tendo nascido, deste matrimônio, 10 filhos, dos quais 8 já falecidos e 2 vivos: João e Carlos. O primeiro, com 83 anos de idade e o segundo com 80 anos, este morador da Barragem e aquele morador do Bairro de Canôa. Faleceu Basílio Correa de Negredo no dia 4 de abril de 1909, em Rio do Sul, e foi sepultado no antigo cemitério, em terras hoje de propriedade de Curt Schroeder S.A., tendo sido os restos mortais, após a transferência do mesmo cemitério para o atual Cemitério Municipal, trasladados para este, no



**A praça Nereu Ramos é, passados 35 anos, este bellissimo conjunto de prédios modernos, circundando pequeno jardim bem cuidado, calçado e limpo. O progresso da bela cidade se acentua dia a dia, numa esplêndida afirmação do espírito laborioso e progressista do seu povo.**

governo do então prefeito Eugênio Davet Schneider, que se comprometeu de levantar-lhe uma lápide ou pedra. Os pais de Basílio Correa de Negredo vieram ao Brasil do visinho Uruguai, em época desconhecida. Tanto Basílio Correa de Negredo, como Antônio Felipe, morador de Canta-Galo e Jacinto de Tal, visinho deste último, eram posseiros, e consta que venderam as suas posses a colonos que, paulatinamente, vinham subindo do litoral para fixar-se aqui em plena mata, onde a terra era ainda barata, virgem e boa. Em 1904, quase todo o centro da cidade, numa extensão de, mais ou menos, 2 quilômetros, já estava em mãos de especuladores de Blumenau, entre eles João Probst, que revendiam um lote colonial, de 25 hectares, ao preço de Cr\$ 1.050,00, a escolher; foi, pelo menos, este o preço pago por Jorge Lucas, meu pai, que o adquiriu nesse mesmo ano de Julio Probst, para mudar-se, 3 anos depois, para aqui, debaixo de acaloradas discussões e protestos de mamãe que porém, dado o espírito indomável de seu marido, foi obrigada a amoldar-se à situação; e assim, um belo dia, aí pelo ano de 1907, seguiu penosamente, uma caravana de 4 carroças, serra acima, levando a mudança inicial, marcando encontro com o seu destino, pois, assim pode ser considerada a nossa mudança para esta abençoada região. Hoje, passados 50 anos, ouço mamãe dizer: "É, tivesse papai ouvido o meu conselho, ou seguido as minhas la-



múrias e protestos, não estaríamos, por certo, nas condições de hoje". E há razão para isso, pois, aquele pedaço de chão adquirido em 1904, por Cr\$ 1.050,00, representa hoje um valor de Cr\$ 50.000.000,00. Podia haver melhor empate de capital? Mas, não se assustem, meus caros leitores, não quero com isso dizer que a nossa família representa este capital; não, absolutamente não, pois, restam destes 250.000 m2. de terra, apenas algumas nesgas, bem valorizadas, é verdade. Onde, há 55 anos atrás, mãos fortes derrubaram as primeiras gigantes canelas, abrindo os primeiros claros nestas florestas sem fim, hoje se agita uma vida intensa, fruto do trabalho, do sacrifício e, não por último, da fé e dos ideais de homens que, com os braços, revolviam a terra, a ela lançando as primeiras sementes e, em parte, transformando-a em viçosos pastos. É na terra, e sempre na terra, que um povo há de encontrar a sua base de vida e felicidade; e desgraçados aqueles que relegarem a um plano secundário esta histórica verdade. É na fartura das colheitas e não no desabusado desenvolvimento industrial que o nosso povo há de encontrar a sua grande felicidade e seu glorioso destino. Para comprovar esta secular verdade, basta olhar o nosso grande irmão do Norte que, a par da sua prodigiosa indústria, jamais descuroou da terra. É dali, nestes tristes dias, em que a fome ronda os lares de milhares de brasileiros bons e esforçados, que buscamos o nosso feijão, quando devíamos cuidar e esperar que seria justamente o nosso Brasil, dono de intermináveis planícies, que poderia ceder os excessos de sua lavoura, para povos famintos e desgovernados. Continuando, porém, minhas apreciações históricas, ligadas a Rio do Sul, quero, apenas, registrar que os acima mencionados posseiros venderam as suas posses, a colonos, pelo preço de Cr\$ 200,00 o lote de 25 hectares, que os requereram do governo, com título definitivo.

Bem no início do século, aí pelo ano de 1904, 1905, vieram fixar-se em Rio do Sul os primeiros colonos, assim tidos os descendentes teutos e ítalo, figurando dentre eles Carlos Rennert, Carlos Zirbel, Rodolfo Odebrecht, Aquiles Ferrari, Jorge Lukas e Fritz Feldmann, embora cada um deles representasse uma profissão, à parte. Podemos registrar Rodolfo Odebrecht como o primeiro negociante em Rio do Sul. O prédio de sua antiga loja hoje ainda existe, perto da ponte; e foi ali, naquele lado, que foi construída também a primeira palhoça, o primeiro hotel, ou casa de pasto, onde houve o primeiro posto fiscal, onde se construiu a primeira igreja católica, e também protestante; foi ali também que tivemos a primeira escola, com professor alemão e lecionando alemão, posteriormente substituída pela primeira escola pública, também com professor alemão, mas lecionando o português, de nome Jorge Schuetz, homem vigoroso e forte, que amava a sua nova pátria e onde todos nós, a nova geração, buscavamos as primeiras noções das letras e dos números e datas históricas; era ali, naquele lado, que se fundou a primeira sociedade, de atiradores naturalmente, a "Schuetzenverein Bela Aliança"; foi também naquele lado que foram sepultados os primeiros mortos e levantadas as primeiras lápides, em memória dos que tombaram no cumprimento do dever, como aconteceu com a esposa de Carlos Rennert, morta pelos bugras, quando lavava roupa no rio, em plena cidade; naquele lado tivemos também a primeira farmácia e a primeira estação telegráfica. Somente o médico, o primeiro médico, de nome Teodoro Batz, austriaco, grande amigo de nossa família, ou pelo menos de papai, que também o convenceu de mudar-se, com ele para Rio do Sul, formou uma exceção. Tanto isto é verdade, que chegou a condicionar a sua vinda à venda de um lote de terra, do qual papai possuía a reserva de compra, a ele, o que também conseguiu, tanto assim que esta foi uma das grandes aquisições para este lugar. Adquiriu, assim, este médico, o lote posteriormente vendido a Angelo Tomio, onde veio a morar alguns anos depois, após ter construído a sua casa de madeira, de modestas proporções, tendo morado, inicialmente, no centro, assim considerado a parte de lá do Rio do Sul — o lado dos Odebrecht. Como não é de estranhar, seu consultório primava pela ausência de clientes e, geralmente, se os havia, eram colonos, com poucos recursos em dinheiro, e pode-se assim compreender, que as cousas não podiam ir lá muito bem. Assim é que a sua mulher, de distinta apresentação, via-se, diariamente, descer a estrada com duas enxadas às costas, preparando a terra para plantar e ter o que comer. Esta situação e o abandono em que viviam, talvez acostumados antes a uma vida mais regalada, fez com que ela tentasse duas vezes contra a própria vida. Diante dessa dolorosa tragédia, este médico, alguns anos após, resolveu

mudar-se para Lajes, onde veio a falecer sua mulher e éle próprio. Não quero deixar de registrar aqui os seus inestimáveis serviços prestados a esta incipiente colônia, longe que se encontrava de quaisquer outros recursos, em caso de doença ou acidentes. Bem nos limites da cidade, no extremo oeste, de quem vai para Lajes, ao pé do Mórro Queimado, morava ainda um cidadão alemão, quase boêmio, de nome Otto Schoenchen. A éle deve Rio do Sul uma doação apreciável, legada em testamento, para a construção do atual Hospital Municipal. O testamento e o legado encontram-se na pedra fundamental do acima mencionado nosocômio, pedra esta colocada em ato solene, assistido pelas autoridades civis e religiosas. Teve, assim, o então Hospital Cruzeiro, construído sob a responsabilidade da Comunidade Evangélica de Rio do Sul, sua origem cristalizada no mais puro sentimento cristão de um imigrante alemão que, com éste gesto nobre e cimentado na fé, quiz dar, no mínimo, uma demonstração de sua afinidade emotiva pelos que, do mesmo sangue, aqui mourejaram, de sol a sol, pelo engrandecimento de sua nova pátria. Esta doação foi, assim, o toque inicial para a construção dêsse magnífico prédio, posteriormente desapropriado, baseado em fins escusos, mas que hoje, com a contribuição dos cofres públicos, municipais e estaduais, é um monumento que fala bem alto do espirito humano e progressista desta laboriosa comuna. Foi a construção do Hospital Cruzeiro, a primeira reação do povo riosulense, lá nos idos de 1918, contra a inércia governamental, que deixou esta vasta e rica região abandonada ao "Deus dará", sendo éste hospital, fruto do trabalho e do esforço de homens simples, mas corajosos e que não vacilaram em dar de si para servir à sociedade. Foi um belo exemplo de patriotismo construtivo, do qual o Vale do Itajaí está cheio, à frente Blumenau, com os seus exemplos e seu pioneirismo social e cultural, como atestam os seus hospitais e seu teatro, que honram o Brasil. Não quero, entretanto, continuar enumerando nomes, sem antes apreciar um caso "sui generis", tendo por protagonistas os bugres, tidos até os nossos dias, e com certa razão, como possuídos de uma ferocidade, se não invulgar, pelo menos plenamente comprovada, e de outro lado o nosso conhecido velhinho, Otto Schoenchen. Tendo que prestar um depoimento na Delegacia Regional de Polícia, desta cidade, com relação a um sinistro na indústria pela qual respondo, como responsável na administração, tive a oportunidade de assistir, involuntariamente, a um telefonema entre o Delegado Regional de Polícia, Dr. Waldemiro Borini, com o seu superior hierárquico, em Florianópolis, quando solicitava o destacamento e envio, urgente, de um pelotão de, pelo menos, 20 praças, bem armados, para a Estação dos Bugres, no Rio Plate, onde se verificou um levante armado dos selvícolas, temendo-se atos da maior gravidade. Prova-nos isto que tudo o que nos foi legado nas narrativas de velhos pioneiros, encontra ainda hoje a confirmação nos fatos acima narrados. Pois bem, a realidade, no entanto, prova-nos que não há regra sem exceção. Acontece que Otto Schoenchen, aquêle mesmo que doara os seus bens à Comunidade Evangélica, para a construção de um hospital em Rio do Sul, estava ocupado com a limpeza do seu terreno, perto de sua modesta casinha, situada, como já frisei anteriormente, ao pé do Morro Queimado, em pleno perímetro urbano, à beira da estrada que vai para Lajes, tendo tido dificuldades na remoção, sôsinho como estava, de uma enorme pedra que o incomodava ao lado de sua casa. Trabalhara já diversos dias, escavando e assentando alavancas, mas nada conseguira realizar com relação a esta pedra. Dias depois, quando ao meio dia tirava a sua soneca, notando um estranho movimento ao redor de sua casa, levanta-se e procura averiguar a origem dêsse movimento, quando viu, por uma fresta da porta, a presença de índios, à beira da mata, que ficava a uns 50 metros de sua moradia. Como julgou não ver nenhuma hostilidade nos movimentos dos mesmos, abriu a porta e ao pisar o terreiro, verificou, agradavelmente surpreendido por um fato que prova que nem sempre o gentio alimentava sentimentos vingativos, bem ao contrário. Em suma, a pedra que tanto trabalho dera ao nosso bom velho, fôra transportada ou removida, bem na surdina, pelos bugres, para longe da casa, desmentindo assim, em parte, o que se conta de sua proverbial crueldade. Era Otto Schoenchen um solitário, que viera para o sertão riosulense no ano de 1900, por motivos inexplicáveis. Aqui também, faleceu. Despertou sempre a nossa curiosidade, como criança, pela criação caprina que possuía — e era em grande número, variando entre 30 e 40 cabeças — e que lhe forneciam o seu leite e certamente também a carne. Eram estas

cabras as únicas existentes nesta região. Escolhera, por motivos explicáveis, a cabra por não exigir esta, grande cuidado com relação ao trato. A zona era virgem e nada lhes faltava. Criavam-se sôltas e se espalhavam pela redondeza. Como não havia vizinhos, não incomodavam ninguém. A sua ocupação era a distribuição de sementes de hortaliças, que vinham importadas da Alemanha, via Blumenau.

Quero, porém, retroceder no tempo e voltar a abordar particularidades da vida de Vicente Leite, ou José Vicente Leite. Como já sabemos, veio fixar-se em Rio do Sul no ano de 1879. Dedicando-se à lavoura, tendo requerido uma posse no lado do bairro Canôas, onde também fêz as suas derrubadas e plantou as suas roças. Fixou-se, porém, em plena Praça Nereu Ramos, em terras de Julio Probst. Assim procedeu, porque a segurança assim o exigia. Estaca Canôa, hoje um florescente bairro de nossa cidade, expôsto muito aos ataques de bugres (Foi ali que foi frechado Carlos Correa de Negredo, que também possuía uma posse no mesmo lugar, tendo morado, de início também no lado da cidade, pelos mesmos motivos de segurança), que naquela época ainda dominavam os sertões desta região. Nasceu Vicente Leite a 2 de setembro de 1843 e veio a falecer no ano de 1918, em Rio do Sul. Seu corpo acha-se sepultado no Cemitério Municipal. Era casado com Guilhermina Huscher, nascida a 27 de junho de 1853 e falecida em 14 de outubro de 1911, em trágicas condições. O mesmo outubro de 1911 foi o mês das maiores enchentes verificadas no Vale do Itajaí, tendo inundado toda a cidade de Rio do Sul, chegando a água até à casa de José Vicente Leite, por inacreditável que pareça. Como sabemos, encontrava-se a casa de José Vicente (a primeira de Rio do Sul) no início da ladeira, no lugar onde a rua do Hospital Municipal cái na Praça Nereu Ramos. Estava o casal ocupado no dia 14 de outubro — o fatídico mês das cheias — com o transporte do milho do seu rancho de Canôas para a sua casa, o que foi feito de canoa, que ia e vinha, encostando diretamente na sua casa. A certa altura, descendo pelo rio do Sul, a canoa bateu contra um pau mal encoberto pelas águas, o que provocou o desequilíbrio de Guilhermina, vindo a cair no rio, sendo tragada pelas turbulentas águas. Seu corpo foi encontrado a muito custo. Este trágico acontecimento era o segundo que enlutava os lares de duas das mais honradas e tradicionais famílias riosulenses — verdadeiros pioneiros que, com os seus exemplos e os seus sacrifícios, cobriram-se de glórias. Como vimos, por duas vêzes, a mão inexorável do destino ceifara duas preciosas vidas, mães de numerosos filhos e dedicadas espôsas. A primeira, espôsa de Carlos Rennert, brutalmente assassinada pelos bugres, e a última, vitimada no cumprimento do dever. Os seus túmulos, cobertos de flores, cobriram-se também de lágrimas choradas pelos seus espôsos e seus numerosos filhos.

Não quero, hoje, terminar esta minha crônica, sem antes relacionar abaixo os nomes dos primeiros moradores de Rio do Sul e que são:

1892	—	Augusto Zirbel	
1893	—	Jacob Heuser	
1900	—	Otto Schönichen	— meio boêmio, meio colono, alemão.
1904	—	Carlos Rennert	— colono, casado, brasileiro.
1904	—	Henrique Teske	— colono, casado, brasileiro.
1904	—	Fritz Feldmann	— primeira serraria, casado, brasileiro.
1905	—	Aquiles Ferrari	— colono, brasileiro, casado.
1906	—	Rodolfo Odebrecht	— negociante, brasileiro, casado.
1907	—	Jorge Lukas	— funileiro, casado, brasileiro.

Os dois últimos possuíam as suas propriedades desde 1904. Sendo que Jorge Lukas, embora com a sua casinha feita, o pasto plantado e a roça feita, somente veio trazer a sua família em 1907. Veio a Rio do Sul pela primeira vez no ano de 1898, de passagem para Curitiba e Campos Novos, ainda solteiro, quando então, encantado pelas terras gordas e virgens, resolveu adquirir a propriedade, onde hoje ainda se encontra morando. Rodolfo Odebrecht, igualmente enviara antes o seu preposto, de nome Ricardo Marmein, que cuidava do negócio colonial até a sua vinda em 21 de junho de 1906. Ricardo Marmein, chegou a Rio do Sul em 1905 e mudou-se, posteriormente, morando atualmente em Joaçaba.

# Notícia Alvissareira



Os que já têm se utilizado da estrada Joinville-Florianópolis, certamente devem ter sentido os enormes percalços que ocasiona a falta de uma ponte sobre o rio Itajaí-Açu, na cidade de Itajaí. A balsa ali existente, além de imprópria, deficiente

e morosa, causa a perda de tempo precioso dos que dela são obrigados a servir-se, pois não há outro meio de transpor o rio naquela estrada.

Bem compreendendo a inadiável necessidade de se obviar a êsse mal, os responsáveis pela construção da BR-2, antes mesmo de terminado o trecho entre Joinville e Itajaí e entre esta cidade e a capital do Estado, trataram da construção de uma ponte que viesse acabar de vez com o obsoleto e perigoso serviço de balsa. Já na sua fase de completo acabamento, essa monumental obra de arte será, ao que esperam os seus construtores, inaugurada no próximo mês de março. A notícia não pode deixar de ser recebida com a maior satisfação por todos os catarinenses, pelos milhares e milhares de viajantes que, diariamente, são obrigados a transpor o grande rio litorâneo, arriscando até a própria vida. Graças à gentileza do "Foto Hugo", de Blumenau, podemos dar, nesta página, uma fotografia da magnífica obra, no estado em que se acha e que será, em breve, entregue ao uso público.



**P**ELA lei provincial de 4 de fevereiro de 1880, foi suprimida a Comarca de Itajaí que ficou, novamente, sob a administração judiciária da comarca de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco. O território de Blumenau, que nesse mesmo mês e ano fôra elevado à categoria de município, ficara também sujeito àquela Comarca. Lei posterior tornou a criar a comarca de Itajaí.



**O** busto do ministro Victor Konder, que se ergue na praça dêste nome, em Blumenau, foi inaugurado em 5 de fevereiro de 1928. Populares exaltados, por ocasião da chegada, a esta cidade, dos revoltosos que vinham do sul, em 1930, tiraram êsse busto do seu pedestal e o jogaram ao rio. Mais tarde, serenados os ânimos políticos, o busto voltou ao seu lugar.

## 7.º GUILHERME ENGELKE – (1892-1893)

Em 1892, como já vimos, a vida política de Blumenau transcorria agitadíssima, em consequência da revolução que conflagrara, principalmente, os três Estados do sul onde, republicanos e maragatos, se empenhavam em contendas que, não raro, degeneraram em episódios sangrentos. Já aludimos, ao tratarmos da administração do dr. Bonifácio Cunha (Tomo II.º, pág. 233) à parte que Blumenau teve nessa lamentável ocorrência. Chefiava os maragatos, neste município, o tabelião Elesbão Pinto da Luz, com uma meia dúzia de companheiros dedicados que, posteriormente, muito vieram a sofrer com a vitória dos florianistas. Guilherme Engelke foi um deles. Fritz Mueller, com a curta passagem dos maragatos pelo poder, no Estado, foi empossado, pela força, no cargo



de presidente do Conselho de Intendência de Blumenau, onde não se agüentou senão por menos de um mês. Assumiu, então, esse posto, o sr. Guilherme Engelke, a 6 de maio, garantido ainda pelos soldados do chefe de polícia, dr. Servílio de Araujo. Mas, a 20 desse mesmo mês, entrega o posto a Francisco Faust, que fôra nomeado intendente, em lugar de Fritz, e que nêle permanece até 14 de novembro. Os outros conselheiros intendentes eram Adão Schmitt, José Joaquim Gomes, Augusto Germer e Francisco Lungershausen. Durante a presidência de Francisco Faust realizaram-se as eleições para deputados à nova constituinte, tendo sido eleitos, por Blumenau, Leopoldo Engelke e Elesbão Pinto da Luz. Os republicanos se abstiveram desse pleito, tendo sido ridículo o número de votos alcançado pelos eleitos. O novo congresso instalou-se a 14 de junho e elegeu governador do Estado a Eliseu Guilherme da Silva, partidário do Tenente Machado. Designado o dia 20 de novembro para as eleições municipais, Guilherme Engelke reassume a presidência do Conselho de Intendência seis dias antes, isto é, a 14. O município contava, então, com 2.566 eleitores. Os republicanos resolveram mexer-se. Desenvolveram formidável propaganda em todo o município, de forma que, por ocasião do pleito, infligiram ruidosa derrota aos maragatos: 1.174 votos republicanos contra, apenas, 69 dos donos da situação.

O Conselho de intendência se reúne, a 21 de dezembro de 1892, e anula as eleições sob o fundamento de terem sido eleitos 9 em vez de 7 con-

selheiros e, ainda, por várias outras razões e marca o dia 21 de janeiro, seguinte para se proceder a novas eleições. Nestas, os governistas são derrotados novamente e de maneira não menos estrondosa. Não teve o Conselho outro remédio senão reconhecer os eleitos que foram: Henrique Probst, 1141 votos, Luís Abry, 1139, Antônio Bernardo Haendschen 675; Jens Jensen 672; Fernando Hackbarth 580; Aleandro Lenzi 470; João Scoz 467 e Augusto Keunecke que fôra eleito com 551 votos, mas não foi reconhecido por ser agente do correio.

Esse conselho prestou a promessa de lei e foi empossado a 2 de março de 1893. Por oportuno, diremos que, durante a campanha eleitoral deram-se, em Blumenau, fatos desagradabilíssimos e de sérias conseqüências. Exaltados, como se achavam, os ânimos, o mínimo incidente alcançava proporções assustadoras. E, de fato, um quase-nada pôs tôda a vila em polvorosa, no dia 16 de fevereiro:

Manoel dos Santos Lostada, auxiliar de Hercílio Luz no comissariado de teras, foi, a pedido dêste último, solicitar uma certidão ao juiz de paz, sôbre um processo que, contra o mesmo Hercílio, fôra instaurado por ter êle, dias antes, esbofetado o juiz de direito da comarca. O comissário de polícia, que era Elesbão Pinto da Luz, impediu que se desse a certidão. Lostada, indignado, invectivou o comissário, passando-lhe uma descompostura em regra. Algumas horas depois, Elesbão dirige-se à venda de Henrique Probst e prende Lostada, que ali se achava. Os amigos de Lostada, com Hercílio Luz à frente, reúnem-se e se dispõem a ir à cadeia soltar o companheiro. Encontram Elesbão na rua e o interpelam. Elesbão saca de um revólver e faz fogo contra Hercílio. Do grupo partem, também, dezenas de tiros contra o comissário que, ferido, foge em direção a umas moitas de bambu, à margem do Garcia e ganha, dali, a residência da viúva de José Henriques Flores Filho, onde se escondeu. Resultou, dêsse fato, a vinda a Blumenau do Chefe de Polícia, Francisco Antônio Vieira Caldas, que encontrou meios de provar, em processo volumoso, e a seu modo, o procedimento criminoso de Hercílio e seus correligionários, que foram pronunciados.

Presos, Hercílio, Bonifácio Cunha, Francisco Margarida e Santos Lostada, foram remetidos, escoltados, à capital do Estado, onde chegaram a 3 de março de 1893. Aos esforços ingentes dos amigos dos acusados para libertá-los, o govêrno respondia com medidas violentas para mantê-los em custódia, única maneira de se ver livre de tão turbulentos cidadãos. O Superior Tribunal de Justiça do Estado, para o qual os prisioneiros haviam interposto recurso, impronunciou-os. O Tenente Machado, que a 28 de outubro, reassumira o govêrno, dissolveu aquela côrte de justiça, criando um Tribunal de Relação.

Mas, Hercílio e seus companheiros, cuja situação ia melhorando em face das desinteligências entre o tenente Machado e o marechal Floriano, recorreram para o Supremo Tribunal Federal o qual, avocando o processo, ordenou o comparecimento dos acusados na capital federal e os absolveu. A 8 de junho de 1893, voltaram Hercílio e seus companheiros para Blumenau, onde tiveram solene recepção, tendo havido, à noite, grande baile em sua honra e onde se repetiram cenas desagradáveis, provocadas por soldados do destacamento local.

Guilherme Engelke era natural de Hannover, Alemanha. Com 18 ou 20 anos imigrou na colônia Dona Francisca, juntamente com Leo-

poldo Hoeschl e outros. Ali já se encontrava seu irmão, o médico Viegando Engelke, que viera, para o Brasil, com o padre Carlos Boergershausen, vigário de Joinvile por quase meio século. Casou-se com Ema Malchinki. Dirigiu, por algum tempo, a construção da estrada da serra, naquela colônia, mudando-se, depois, para Blumenau, residindo no local em que se acha, hoje, a Casa Fleisch, na rua 15 de novembro. Posteriormente, mudou-se para o Salto Weissbach, onde abriu uma casa de secos e molhados, próximo à bela residência do médico, seu irmão, que para ali também se transferira e que ainda hoje ali domina um lindo e bucólico cenário. As suas atividades políticas custaram-lhe aborrecimentos e perseguições sem conta. Muito doente, foi procurar lenitivo aos seus males em Águas Mornas, próximo a Caldas da Imperatriz e, pouco depois, em Florianópolis, onde faleceu. Teve cinco filhos: Bernhardt, Stefânia, João Francisco (que entrou para a ordem franciscana, tomando o nome de Inocêncio, sendo sagrado bispo de Campanha) e Sofia, esta última nascida em Blumenau e os demais em Joinvile.



**E**M 1919, o Conselho Municipal de Blumenau concedeu um privilégio de 50 anos ao dr. Alfredo Luz e Ernesto Mendel para os serviços de encanamento d'água, esgotos e tramvais. O ato causou estranheza e os jornais passaram a atacar violentamente o presidente da câmara, que era Victor Konder e ao secretário, Francisco Margarida.



**E**M começos de fevereiro de 1715, o sargento-mór Manoel Gonçalves de Aguiar desembarca em Itapocorói e, dali, seguiu a pé para São Francisco a fim de capturar o célebre "Cabecinha", acusado de vários crimes e arbitrariedades quando no exercício de capitão-mór daquela vila.



**A** 2 de fevereiro de 1826, assume as funções de médico da Colônia Blumenau, o dr. Bernhardt Knoblauch, nascido em Jena, Alemanha, e formado pela universidade da mesma cidade, que tinha fama como das mais eficientes da Europa.



**O** serviço de iluminação elétrica da sede do município de Luís Alves, foi inaugurado a 12 de fevereiro de 1927, quando êsse então distrito pertencia ao município de Itajaí. Era prefeito dêste último o coronel Marcos Konder.

**Visite Brusque na data de seu centenário  
— Prestigie os festejos com a sua presença**

# MAX MAYR

Danilo MAYR

Conheci-o em criança. Eu tinha nove anos de idade ao perdê-lo. Mas em meus olhos se gravou para sempre a imagem de um homem que, posto não apresentasse o que se poderia chamar de imponência física (dava os ares de um mestre-escola da passagem do século), com seu olhar mordaz através de óculos de aro grosso e sua voz clara e cortante enchia uma sala. Tinha-se na presença dos grandes de seu tempo com a mesma verve desembaraçada e com a mesma naturalidade de opiniões e sentimentos que diante dos seus mais humildes clientes ou "compadres", — pois por todo o Vale espalhou compadres, que se contavam às dúzias. — mas se por fora às vêzes ostentasse uma estampa de fria indiferença por aperturas alheias, sarcástico e com extravagantes impaciências, no íntimo era uma sensibilidade e bondade extremas. Sempre foi a antítese do assim-chamado "bourgeois": trabalhava em vigília, desprezava o relógio, as opiniões dos outros, levantava-se ao meio-dia, não fazia refeições sem ler, mas, meticulosíssimo no vestir, não permitia que se lhe apresentasse um colarinho com desvio ou um sapato em que se não pudesse espelhar. Grande conversador, sabia apreciar o lazer, mas tinha seus compromissos profissionais num rigor atávico. Por força desse mesmo atavismo talvez preferisse a cerveja ao vinho — não o sei ao certo — mas era notório conhecedor de "Wuerstchen".

Estava escrito que a vida de Max Mayr, como a da mór parte dos pioneiros que aqui vieram fundar uma vida nova e lançar semente para uma nova descendência, iria decorrer sob o signo da aventura, jamais se fixando êle em local definitivo, onde levasse a vida vegetativa dos acumuladores de fortuna. Mas êle viveu numa época em que se lançavam os últimos fundamentos básicos da atual prosperidade do Vale do Itajai e muita mata havia ainda por derrubar.

Nasceu Max Mayr aos 6 de março de 1881, na cidade de Munique, capital do reino da Baviera. Pelo lado paterno descendia de tradicional família de professores, originária, o quanto se pode deprender de parte da árvore genealógica (de 1761 até o último ano do século passado), copiada por um seu irmão, Rudolf Mayr, que ainda hoje reside em Munique, e de cartas, mencionando fatos e documentos registrados no arquivo da família, da localidade de Hochstaedt, às margens do Danúbio. Pelo lado materno descendia êle de antiga nobreza do Sacro Império, destacando-se entre seus antepassados maternos oficiais (von Reitzenstein) e administradores dos negócios da Córte. Um desses ramos de sua ascendência era originário de um velho castelo erigido a uns poucos quilômetros a Nordeste do Bodensee, (Burg Egglofstein), nos Alpes Bávaros. Nos primórdios do século passado os seus ancestrais maternos frequentavam a casa de Goethe em Weimar, mantendo com essa família íntimos laços de amizade e correspondência literária (\*).

Oriundo de uma casa em que todos os aposentos conservavam a augusta solenidade do velho regime, com sua atmosfera romântica, mas ciosa de suas prerrogativas e de seus velhos costumes, as amplas salas com seus bustos clássicos e gravuras de Spitzweg ao lado de retratos de austeros avós, uma casa em que e geração dominante cultivava o grego e o latim, sem compreensão para o fervilhar das idéias democráticas que ia pelas ruas e pelos clubes universitários, o jovem estudante se sentia deslocado nêsse ambiente, que já não era mais o da última década do século, profundamente transformado pelo triunfo da longa revolução liberal. Oprimia-o a severa ascendência paterna e a linha inexorável das velhas convenções, em pleno apogeu dos inventos industriais e da expansão dos mercados pelo mundo em franca colonização.

Uma versão que corre o círculo íntimo de seus descendentes no Vale do Itajai, prende a decisão de Max Mayr de deixar o lar paterno e se aventurar pelo Brasil, a um conflito surgido entre êle e seu pai, dados os seus amores por uma jovem colega universitária, que já não sendo por motivo do anti-semitismo social e burocrático de cunho "moderno" que se prenunciava na Alemanha desde a revolução de 1848 (\*\*), dificilmente cristã, e além disso, católica.

Juntando-se a amargura de seus sonhos desfeitos a uma natural impulsividade de temperamento e espírito de aventura, confirmados em memórias epis-



tolares de seu irmão Rudolf, não é de se admirar a decisão do recém-diplomado em humanidades, de deixar para trás tudo que representasse convenções barrocas, preconceitos, tirania paterna e familiar, e de vir para o Brasil, que naquela época tinha superado a violenta crise da passagem do Império à República, e oferecia um futuro promissor a todos os temperamentos jovens e liberais que aqui viessem construir sua vida. Também contribuiu para a sua vinda a este país o fato de naquela época um seu tio já ter aqui estabelecido.



Max Mayr em duas épocas da sua agitada existência: Aos 18 anos de idade, quando chegou a Blumenau e em 1924, quando no apogeu da sua carreira de provisionado inteligente e arguto.

Max Mayr desembarca em Itajaí no ano de 1899, quando, passadas as convulsões da reação federalista, a jovem República brasileira, sob o comando de Campos Sales, começa a tomar seus verdadeiros rumos. Max Mayr tem dezoito anos ao enfrentar o novo século.

Mas é preciso ganhar a vida, e ele procura trabalho em Blumenau. Inicialmente trabalha na fundição Altenburg, ocupando-se o inexperiente imigrante de bater ferrugem de ferro velho. Em seguida emprega-se na firma comercial Asseburg, em Itajaí, passando, mais tarde, a trabalhar na casa Konder, como viajante para o Vale do Itajaí, até o alto da Serra. Por esse tempo encontra, lecionando na escola de Acurra-Ilse, o tio que já tinha vindo ao Brasil havia muitos anos. Nessa localidade conhece Ida Reblin, casando-se com ela em 1901. Substitui o tio na escola de Acurra, mas por pouco tempo. Vai residir em Hammonia (hoje Ibirama), onde passa a se dedicar ao comércio de gado, tropeando cavalos da Serra para o litoral. Numa dessas viagens, depois de ter realizado bons negócios, chegando ao porto de São Francisco do Sul, em companhia de seu chefe de tropa, José Laurentino, velho companheiro de andanças e estimado por ele como um segundo pai, não resiste à tentação de rever sua terra natal, pois encontra um navio europeu fundeado no porto, pronto a zarpar. Embarcam ambos, comunicando essa decisão por carta às suas espósas, que nem por sombra contavam com tais aventuras de seus maridos. Oito meses depois regressam, trazendo Max Mayr consigo, nessa ocasião, um seu parente, Adolfo Stotz, que aqui vem tentar a sorte.

Em 1905 passa Max Mayr a residir em Itajaí, para lecionar na escola alemã daquela cidade, sendo eleito no mesmo ano membro da comissão de aformoseamento da cidade de Itajaí, juntamente com os srs. Bruno Malburg, Donato Gonçalves da Luz, Pedro Bauer, Guilherme Mueller, Marcos Konder e outros (v. Anuário Catarinense de 1906).

Em 1909 muda-se para Blumenau, passando a gerenciar o Hotel Holetz. Em fins de 1911, depois da grande enchente daquele ano, fixa residência no Passo do Sul, hoje Rio do Sul, aonde foi preparar a criação do Distrito, que chamar-se-ia Bela Aliança, instalado definitivamente em 1912, vindo a ser ele o primeiro escrivão distrital. Cinco anos mais tarde é substituído nesse cargo por Ermembergo Pellizzetti, recém-vindo da Itália, sendo nomeado Intendente Distrital, em substituição a Gustavo Brandes, que foi o primeiro Intendente de Bela Aliança.

Em 1918, vítima da "espanhola", falece sua mulher, justamente num 6 de março, dia de seu aniversário.

No ano seguinte constrói, em companhia dos srs. Adolfo Boewing e Ernesto Bohmann, sob os auspícios do Sindicato Agrícola de Blumenau, a estrada de Trombudo Central até a Serra.

Em 1921 vem prestar exame de suficiência para advogado em Florianópolis. Faz parte da banca examinadora o professor Dr. Henrique Fontes, atualmente Desembargador e Diretor da Faculdade de Filosofia naquela capital. Como não se sentisse seguro no domínio do idioma vernáculo, opta por prestar exames em latim, saindo-se dos mesmos brilhantemente e recebendo, em reconhecimento à sua cultura humanística, que os longos anos no ambiente agreste e em dura formação no Vale do Itajaí não conseguiram empanar, o seu título de Advogado. Exerce essa profissão desde aquele ano até o dia de sua morte, durante dezenove anos.

De 1926 a 1928 reside na cidade de Blumenau, dedicando-se ativamente às lides forenses, como sócio dos advogados Dr. Pedrinho da Silva, Sr. José Ferreira da Silva e Dr. Oliveira e Silva, no escritório de advocacia "SILVA", de grande clientela e inesquecível popularidade. Mas dedica-se Max Mayr também, durante esses anos, ativamente à imprensa, dirigindo os jornais A CIDADE, em língua vernácula, e DIE VOLKSZEITUNG, em língua alemã, escrevendo artigos, e mantendo polêmicas, de cunho social e político, recordando-se os coevos da pena incisiva de Max Mayr jornalista, de seu fino sarcasmo, e nos debates forenses, de sua lúcida inteligência, norteada por uma perfeita vocação criminalística. Colaborava também, assiduamente, nos jornais DER URWALDSBOTE e BLUMENAUER ZEITUNG. Nos últimos anos da República Velha cogitava o governo federal de enviá-lo à Austria como agente brasileiro de propaganda do mate, mas sobrevinda a revolução de 1930, não se concretizou a sua ida, abandonando ele o jornalismo e se dedicando exclusivamente à advocacia.

Na manhã chuvosa e sombria de 21 de julho de 1940, vindo receber pessoa de suas relações no trem que acabava de chegar de Blumenau, pois voltara a residir, desde 1929, em Rio do Sul, ao embarcar, procurando salvar a vida de seu cão (Leo), um fiel "policial" que sempre o acompanhava, perde o equilíbrio e cai entre dois vagões da composição, que já se punha em movimento. Falece aos 59 anos de idade e com a obra de sua vida ainda por completar.

Deixa viúva de segundas núpcias e numerosos descendentes, residentes no Vale do Itajaí e no Rio de Janeiro, funcionários alguns, outros exercendo profissões liberais, e ainda outros militando na política do Estado.

Blumenau, 7 de janeiro de 1960.

(\*) — Carta de 5-1-1959 de Rudolf Mayr, tecendo comentários em torno desses fatos, mencionando documentos e livros do arquivo da família; — cartas de Ernst P. Mayr, atualmente professor em Guenzburg.

(\*\*) — Desfêcho do período revolucionário liberal: época da emancipação dos judeus na Alemanha, com garantia de todos os direitos civis e religiosos. Já em 1847 a questão da emancipação tinha chegado ao parlamento, sendo discutido e votado o primeiro projeto em julho daquele ano, mordazmente antagonizado por Bismarck. Dizia o deputado e futuro Chanceler de Ferro, revidando aparte, em 25-6-1847: "Es war lediglich meine Absicht, zu bestreiten, dass die Emanzipation der Juden ein Fortschritt sei". (*Fuerst Bismarck als Redner* — I vol. pg. 32 — Edição Spemann (BERLIM 1885). —

# Estante dos “Cadernos,,

★ **“A COMPANHIA DE OPERÁRIOS”** — Guilherme Auler — Arquivo público e Imprensa Oficial, Recife, 1959 — No interessante trabalho, com que acaba de presentear-nos, o brilhante jornalista e escritor, sr. Guilherme Auler, diretor da “Tribuna de Petrópolis” estuda, com grande riqueza de detalhes, a constituição e o desenvolvimento de uma companhia de artistas mecânicos e operários que, em 1839, o presidente da província de Pernambuco, o Conde da Boa Vista, mandou contratar na Alemanha e que se comunha de 105 profissionais, pedreiros, carpinteiros, canteiros e operários diversos. Destinados aos trabalhos das obras públicas, êsses contratados puzeram, logo de chegada, mãos a diversas obras, como o Teatro Santa Isabel, Alfândega, cais, pontes e estradas, na capital e no interior da província. Êsse fato, como acentua o autor, apoiado por outras autoridades, importou no aperfeiçoamento das artes de cantaria e marcenaria, de pedreiros e carpinteiros afastando-se das velhas práticas trazidas pelos portugueses e até então consagradas como normas definitivas. Para o estudo da contribuição germânica ao progresso das indústrias e das artes brasileiras, o trabalho do dr. Auler é também de apreciável valor. No prefácio, o eminente sociólogo Gilberto Freire, que o subscreve, consagra o autor com estas palavras que, por si sós, dizem tudo a respeito do valor do trabalho a que nos referimos e do seu operoso e culto autor: “Já são muitas as contribuições para o esclarecimento do passado social do Brasil que devemos ao ainda jovem historiador Guilherme Auler. Sua presença em Petrópolis vem se distinguindo por uma atividade inteligente e incessante de pesquisa nos arquivos da família imperial. Não só nesses arquivos: também nos da própria cidade, em documentos que atestam a importância de Petrópolis como primeira energia alemã sistematicamente acrescentada ao esforço ibérico que criou o Brasil sem fechá-lo de todo a outras influências”. Muito obrigado ao sr. Auler pelo precioso presente.

★ **“ALEXANDER VON HUMBOLDT”** — Bildnis eines grossen Menschen — Dr. Karl Fouquet — Instituto Hans Staden — São Paulo — 1959 — O Dr. Fouquet, autor do trabalho que nos foi oferecido, com honrosa dedicatória, é um nome conhecido nos meios intelectuais do Brasil e da Europa, pelas sua valiosa contribuição ao estudo de personalidades que prestaram serviços ao desenvolvimento das artes e das ciências mundiais e, de um modo particular, que se dedicaram, de alguma forma, ao engrandecimento cultural e material do Brasil. Ademais do trabalho anônimo, persistente, metucioso, que vem realizando no Instituto Hans Staden, Karl Fouquet tem-nos dado obras interessantes à história de Santa Catarina, como a biografia do Dr. Blumenau e o relato minucioso de sua atuação no estabelecimento que fundou às margens do Itajaí. O livro que temos sobre a mesa, é uma esplêndida contribuição às comemorações do centenário da morte de Alexandre von Humboldt, cuja vida e obra o dr. Fouquet focaliza com absoluta segurança e elegância de linguagem. É um trabalho que não pode faltar na biblioteca de todo homem de inteligência, dada a universalidade da fama de Humboldt como um dos maiores sábios naturalistas de todos os tempos. Muito obrigado ao dr. Fouquet pela preciosa lembrança.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

# Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

OUTUBRO DE 1959

1º — Torna-se público o resultado da disputada eleição de 29 de setembro p.p., que escolheu os representantes na Comissão executiva do P.O.E. (Plano de Obras e Equipamentos) da Região geográfica da Bacia do Itajaí e que foi realizada na sede da Associação Comercial e Industrial de Blumenau. Foram eleitos o dr. Júlio Zadrozny, de Blumenau e Bernardo Stark, de Brusque, os quais tomaram posse na C.E. — P.O.E., na reunião de 29 deste mês, em Florianópolis.

— Durante o mês, aparecem, nos jornais, várias notícias a favor da doação do vapor "Blumenau", à Prefeitura Municipal. A "Nação" publica uma carta que lhe fôra dirigida por um blumenauense residente em Curitiba, sr. Pedro Nogueira Gonçalves, alertando a opinião pública para agir no sentido de obter-se a doação. O Diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, em carta dirigida ao mesmo jornal, dá contas dos termos em que se encontra o processo de doação. No mesmo jornal, a 30, vem a comunicação do sr. Gonçalves, avisando que o sr. Ministro da Viação autorizara, por despacho, a doação do velho vapor à Prefeitura Municipal.

3 — Chega a esta cidade o presidente do IAPB., dr. Enos Saddock de Sá Mota, acompanhado dos deputados federais srs. Osmar Cunha, do PSD, de Sta. Catarina e Aluysio Nonô, de Alagôas. Na sede da Associação dos Funcionários do Banco do Brasil é oferecido um coquetel ao ilustre visitante, saudando-o, em nome da classe, o dr. Heinz Schwartz, discursando, ainda, os dois deputados acompanhantes e o advogado blumenauense, dr. Gentil Teles. No discurso, com que agradeceu as homenagens,, o dr. Saddock de Sá prometeu atender as reivindicações da classe.

6 — Procedendo-se às vacinações na campanha de erradicação da varíola, em virtude de recomendação do Ministério da Saúde, em colaboração com o Serviço de Endemias Rurais, o Diretor do Centro de Saúde pública, pela imprensa, declaração de que a escassez de veículos está prejudicando a maior eficiência da campanha, em virtude da dificuldade no transporte dos respectivos profissionais.

Na sessão especial da Câmara Municipal, comparece, a convite, o prefeito Frederico Busch Junior, para discussão, pelos dois poderes em conjunto, da reconstituição da COMAP, em vista, principalmente, da elevação do preço da carne. A exposição do chefe do executivo, corroborada pelas apreciações do chefe do Fomento Agrícola Municipal, sr. Ayres Bento, provoca acaloradas discussões entre diversos vereadores. Por fim, os trabalhos são conduzidos a um estudo objetivo do problema, cujo resultado, espera-se, venha beneficiar a economia popular. A 30 deste mesmo mês se reúne a COMAP, comparecendo os conselheiros Ayres Bento, drs. Newton Borges, Rômulo Silva, srs. Teatino da Cunha Melo, Pedro Zimmermann e Emílio Alcântara Viana. É sugerida a instalação de pequenas feiras de revenda de pescado nos bairros, e, além do caso da carne, tratou-se do abastecimento do leite não beneficiado, distribuído ao consumo em condições precárias de higiene, em vista da moléstia contagiosa "brucelose", grassando nos rebanhos de gado vacum, além de numerosos casos de tuberculose, constatados entre o gado leiteiro.

8 — Na imprensa local aparecem duas notícias de interesse geral — a da declaração de utilidade pública da ACIB pelo governo federal; e outra, referente à canalização do Ribeirão Bom Retiro, cujo processo se encontra em tramitação no Senado Federal.

9 — Reunião mensal da “Campanha de Solidariedade Humana”, empenhando-se, atualmente, em benefício do bebê pobre.

10 — A convite da firma Prosdócimo S/A que mantém uma colônia de férias para os seus funcionários na praia de Guaratuba, segue uma caravana de membros da Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí, com destino àquele balneário, onde os homens de publicidade são brilhantemente recepcionados, passando agradabilíssimo fim de semana, assunto que constituiu motivo de elogiosas reportagens nos dias seguintes.

10 — Promovida pela “Campanha de Solidariedade Humana” sob o título: “Os doze meses na vida da criança”, realiza-se no Teatro Carlos Gomes uma bem organizada apresentação infantil, constituída de cenas comoventes, representando aspectos do Carnaval, com vários tipos de fantasias, — da Páscoa, com coelhinhos, cestos de ovos, e, enfim, os demais acontecimentos do ano, quando, finalmente, no Natal, ao pé do pinheirinho enfeitado, a petizada canta e Papai Noel entra em função. A direção e ensaios estiveram a cargo da Sra. Branca Flor de Santiago Mello, e a renda do impressionante espetáculo, encerrado com soirée dançante, reverteu à campanha de amparo ao bebê pobre.

11 — O Grêmio Esportivo Olímpico comemora o 40.º aniversário de fundação, iniciando os festejos com imponente desfile, com banda de música e foguetes, — partindo da praça Carlos Gomes até o seu estádio na Alameda Rio Branco, onde se realizam jogos e há churrascada e divertimentos. Tudo transcorreu com grande animação, encerrando-se as festividades com um baile no Teatro Carlos Gomes, tocando a orquestra Tremel (“A Furiosa”) de São Bento do Sul.

13 — “Dia da Criança” — comemorado com programas de rádio alusivos à data e distribuição de balas nos educandários, destacando-se na iniciativa o Rotary Clube Blumenau Norte.

15 — “Dia do Professor”. É promovida pela classe uma churrascada no G. E. Olímpico, onde ressalta

o discurso pronunciado pelo Professor Joaquim de Sales, benquisto catedrático recentemente aposentado.

15 — A Sociedade Blumenauense acompanha com profundo pesar o enterro do jovem blumenauense Sr. Raul Mueller, filho do Sr. João Durval Mueller, falecido aos 32 anos de idade, no Hospital das Clínicas de São Paulo, após melindrosa intervenção cirúrgica que, entretanto, não lhe pôde restabelecer a saúde e conservá-lo no convívio da jovem esposa e das três filhinhas.

17 — Assinala a data da passagem do primeiro Centenário de Cia. Comercial Schrader, comemorado com significativas festividades — coquetel à imprensa, churrascada de confraternização na sede do Olímpico, no sábado, e domingo à noite, jantar de cerimônia para os membros da família, amigos íntimos, firmas representadas e autoridades, no Tabajara Tennis Clube, onde o Governador do Estado, impedido de participar do ágape, faz-se representar pelo Secretário da Fazenda, Sr. Hecrilio Deeke. Domingo de manhã são celebrados atos comemorativos no cemitério evangélico, junto aos túmulos dos precursores da firma, Srs. Ferdinando e Alvim Schrader, respectivamente avô e pai do atual Diretor Presidente, Sr. Heinz Schrader. O Sr. Alvim Schrader, além dos merecimentos como comerciante, na orientação de sua firma, foi o iniciador da “Caixa Agrícola”, mais tarde reformada em Banco e hoje integrado no Banco INCO.

18 — Em regosijo ao Cinquentenário de fundação do Hospital Santa Isabel, transcorrido a 4 de outubro, realiza-se grandiosa festa popular, em benefício de mais um monumental pavilhão de cinco andares, já em adiantada fase de construção. O jornal “A Nação” sai em edição especial, com reportagens e crônicas alusivas à data, e dados históricos do jubilar estabelecimento, publicando ainda entrevistas promovidas pelo Sr. Sebastião Cruz, membro da Comissão dos Festejos, com os médicos do nosocômio ao microfone da Rádio Clube de Blumenau, su-

cessivamente nas semanas anteriores. No Domingo seguinte (25) teve lugar a bênção e inauguração da nova capela do Hospital, com missa solene pelo bispo diocesano, Dom Gregório Warmeling, assistido pelo sacerdote guardião do hospital e Frei Waldemar do Amaral O.F.M..

19 — Chega em breve visita à nossa cidade o Dr. Roberto Lacerda, Diretor da Delegacia Regional do Serviço Social do Comércio, SESC, que aqui vem para assinar o contrato de compra da propriedade, onde será instalada a sede campestre da classe comerciária.

20 — O conhecido pintor catariense, Pedro Geraldo Kusterko, alemão de nascimento, estabelecido em Rio do Sul, realiza exposição de suas aquarelas típicas nas vitrines da nossa cidade.

20 — Procedido durante uma semana o levantamento do trânsito na nossa cidade, publica-se que, neste período, 183 mil veículos motorizados e à tração animal, circularam pela movimentada rua 15 de novembro. Estuda-se a atualização do plano rodoviário, estando em cogitação, também, a adoção da "mão única".

25 — A comunidade evangélica do distrito de Itoupava Sêca, da paróquia de Blumenau, realiza uma festa popular em benefício da magnífica igreja daquele bairro, ainda em construção, conseguindo um lucro líquido de Cr\$ 364.014,00.

30 — "Dia do Comerciário". Imprensa e Rádio homenageiam a laboriosa classe, e o comércio cerra as portas no dia seguinte, sábado. Há missa em ação de graças, na Matriz católica e respectivo culto na Igreja Evangélica.

— ★ —

★ **LEI ORÇAMENTARIA DO MUNICÍPIO DA PENHA** — Do sr. João

Felix de Andrade, recebemos a íntegra da lei n.º 33, que orça a receita e fixa a despesa do município da Penha. A arrecadação do município para 1960 é orçada em Cr\$ 1.800,00 e, em igual quantia é fixada a despesa. Agradecemos a gentileza do sr. prefeito Andrade.

— ★ —

**A** "A IDEIA", jornal que se publicava em Itajaí, em 1886, inseriu na edição de 4 de março daquele ano, o seguinte: "Consta achar-se em preparativos a casa do sr. Cunha, para nela receber os presos e ficar com o título de cadeia. A medida é desacertada, por trazer inconvenientes, quer a famílias, quer à escola pública que a ela ficam contíguas e mesmo por ser a casa um tanto baixa e com falta de ventilação para os detentos, do que poderá, por isso, provir-nos qualquer epidemia".

## "Blumenau em Cadernos"

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES  
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) . . . . . Cr\$ 120,00

Número avulso . . . . . Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Toda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

# COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER

## BLUMENAU

Rua 15 de Novembro, 117  
Caixa Postal, 4 — Telefones 1673 e 1612 — End. Tel.: "IMPEX"

## CASA FUNDADA EM 1859

Depósito e Oficina Mecânica especializada à Rua Itajaí, 260  
Telefone : 1043

---

Concessionários exclusivos para o Estado de Santa Catarina da :

**MOBIL OIL DO BRASIL** (Indústria e Comércio) Ltda.

São Paulo

Óleos lubrificantes da mais alta qualidade da marca MOBIL OIL para veículos automotrices e dos produtos industriais MOBIL

---

Concessionários autorizados para o Vale do Itajaí (Blumenau, Brusque, Itajaí, Indaial, Timbó, Rodeio, Ibirama) da :

**MERCEDES-BENZ DO BRASIL S. A.**

São Paulo

Chassis para caminhões e ônibus, assim como, motores a óleo Diesel da afamada marca "MERCEDES-BENZ". Peças sobressalentes genuínas.

---

Revendedores em grande escala de :

**CIA. BRASILEIRA DE ARTEFATOS DE BORRACHA**

Rio de Janeiro

Fabricantes dos conhecidos pneus e câmaras de ar marca "BRASIL" para caminhões e automóveis

---

Representantes para todo o Estado de Santa Catarina da :

**S. A. FÁBRICAS "ORION"**

São Paulo

A maior organização brasileira na indústria de borracha e artefatos de borracha

---

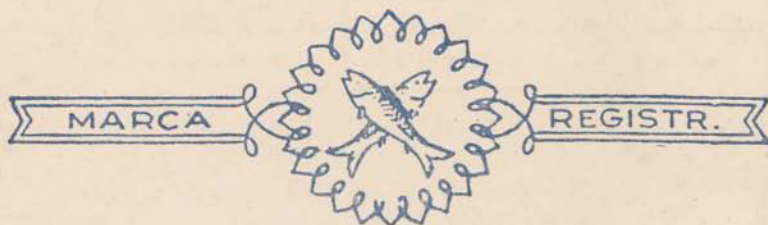
**METALÚRGICA "SIRIUS"**

São Paulo

Fábrica de lustres de todos os tipos, de estilo moderno (funcional), de cristal (Bohémia) e de alabastro

# INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL  
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N.º 2  
TELEGR.: "TRICOT"



## Fábrica de Artefatos de Malhas

FUNDADA EM 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA